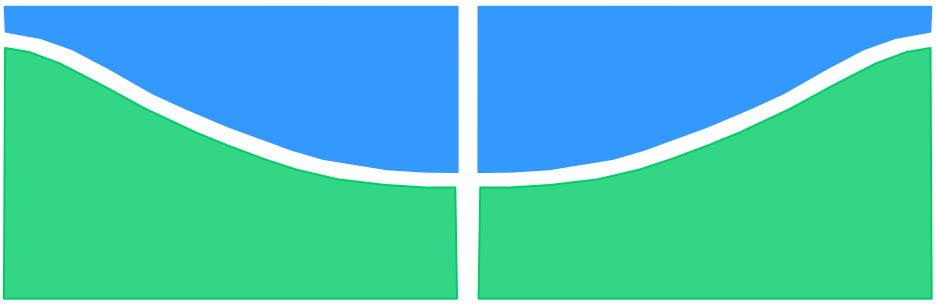

Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Comunicação
Comunicação Social – Comunicação Organizacional

ILUMINISMO TECNOLÓGICO

Autor: Lucas Dantas P. de Castro
Orientadora: Profa.Dra. Elen Geraldes

Brasília, DF
2016

CASTRO, Lucas Dantas Perfeito, 1991
Iluminismo Tecnológico / Lucas Dantas Perfeito de Castro. Brasília: UnB, 2016.

Orientação: Elen Cristina Geraldes. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade de Brasília. Comunicação Social, habilitação em comunicação organizacional, 2016.
1. Iluminismo Tecnológico. 2. Tecnologia. 3. Comunicação. 4. Século XXI. I. Geraldes, Elen Cristina. II. Comunicação Social, habilitação em comunicação organizacional. III. Iluminismo Tecnológico.

LUCAS DANTAS PERFEITO DE CASTRO

ILUMINISMO TECNOLÓGICO

Artigo apresentado à banca examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional, sob orientação da Professora Dra. Elen Cristina Geraldes.

Artigo submetido como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Organizacional com Habilitação em Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação - FAC, da Universidade de Brasília, em / / apresentada e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof. Dra. Elen Geraldes, UnB
Orientador

Prof. Dr. Rodrigo Braz, UnB
Membro Convidado

Mestranda Luísa Barros Montenegro
Membro Convidado

RESUMO:

O século XVIII, também conhecido como “Século das Luzes”, foi um momento importante para a história contemporânea do Ocidente, já que muitos de seus valores, princípios, visões de mundo e ações influenciaram a ciência, a tecnologia, as artes, a religião e o direito, por meio de um movimento denominado Iluminismo Clássico. Caracterizado como um fenômeno antropocêntrico, fruto do Renascimento e da ascensão burguesa, teve suas bases fundamentadas no uso da razão. Neste artigo, mostraremos os antecedentes, o conceito, a abrangência, os prováveis impactos e a relação com a comunicação de um outro tipo de iluminismo, o Iluminismo Tecnológico, que se constitui pelas mãos da tecnologia. Inovações tecnológicas, aparelhos eletroeletrônicos, redes virtuais não eram temas abrangidos nos debates filosóficos iluministas, porém hoje são fatores que influenciam a busca pelo "esclarecimento". Utilizando sobretudo a técnica de pesquisa bibliográfica e o recurso da exemplificação, chegamos às seguintes considerações: o Iluminismo Eletrônico é um desdobramento do Iluminismo clássico; ele não é bom ou mau, mas traz limites e potencialidades; dialoga fortemente com a comunicação; reitera as diferenças socioeconômicas, pois depende do acesso às tecnologias, o que está relacionado, muitas vezes, à classe social, localização, faixa etária e renda.

Palavras-chave: Iluminismo Tecnológico. Tecnologia. Comunicação. Século XXI.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 6
1) ILUMINISMO CLÁSSICO
a) Sob o jugo da Razão 6
a.1) Dimensão do conhecimento 7
a.2) Arte e Cultura 8
a.3) Industrial 9
2) ILUMINISMO TECNOLÓGICO
b) Esclarecimento e tecnologia 10
b.1) Dimensão do conhecimento 10
b.2) Virtualização e Arte 11
b.3) Contexto industrial 12
c) Iluminismo Tecnológico e práticas comunicacionais 13
CONSIDERAÇÕES FINAIS 16
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS 18

INTRODUÇÃO:

Este artigo tem como objetivo geral conceituar e explicar o Iluminismo Tecnológico, tendo como referência inicial o Iluminismo Clássico do século XVIII, e, por meio de leituras e de observação, elencar seus antecedentes e diversos impactos na sociedade do novo milênio, também chamada de "sociedade da informação". Tenta responder aos seguintes problemas: vivemos hoje um Iluminismo Tecnológico? Como conceitua-lo? Quais os desdobramentos desse Iluminismo? E quais as suas relações com a Comunicação?

As semelhanças entre o Iluminismo Clássico e o Iluminismo Tecnológico começam pela crença nos direitos naturais (CHAUNU,1985), isto é, a de que todos os indivíduos devem ter direito à vida e à liberdade e da importância da universalização da educação. Suas diferenças relacionam-se sobretudo ao suporte que dá vida a este novo Iluminismo, pensado a partir de inovações tecnológicas, sobretudo informacionais e comunicacionais, aparelhos eletroeletrônicos, redes virtuais etc.

Os novos contextos cibernéticos e ferramentas transmissoras de informações são nutridos pela eletricidade, através das diferentes telas recebemos a maior parte dos dados do dia-a-dia. É pela emissão de luz desses aparelhos que enxergamos e absorvemos as informações. Tais fatos servem como metáfora e pilares do Iluminismo Tecnológico.

Para argumentar com clareza sobre as características deste fenômeno social, dividiremos o artigo em três momentos. No primeiro, explicaremos o Iluminismo Clássico, nos contextos social, artístico, científico e industrial. A seguir, conceituaremos o Iluminismo Tecnológico, para depois mostrar seus possíveis impactos e desdobramentos. Por fim, faremos uma associação com a comunicação, área que fundamenta e é impactada por esse movimento.

As justificativas para a realização deste artigo são de duas naturezas. A natureza acadêmica se dá pela tentativa de descrever um fenômeno apontado em muitas obras e em muitos autores, porém não suficientemente conceituado, de diálogo intenso com a nossa área de formação, a comunicação. A segunda justificativa é de natureza social. Trata-se de um fenômeno relevante, pois abrange milhões de pessoas e cujo conhecimento pode levar a políticas públicas com impacto na educação, na cultura, na renda e na inclusão de muitos.

a) Sob o jugo da razão

Iremos rever a seguir o conceito de Iluminismo, focando, em primeiro lugar, na dimensão do conhecimento que lhe é tão inerente, na qual a crença na possibilidade libertadora da ciência e da razão chega ao auge. Mostraremos as dimensões artísticas,

científicas, industriais e sociais deste movimento, apontando alguns de seus limites. Iremos estabelecer, por fim, o vínculo entre este Iluminismo e o Tecnológico, como um processo de amadurecimento e de transformação das estruturas sociais.

a.1) Dimensão do conhecimento

O século XVIII foi chamado de Século das Luzes porque uma série de conquistas científicas, somadas a transformações sociais, de impacto muito amplo, sucederam em pouco espaço de tempo. Como ensina Chaunu (1985), “as luzes situam-se na intersecção de duas estruturas geradoras de movimento: [...] um quadro de vida muito antigo, e um sistema de pensamento revolucionário herdado do século anterior

O movimento das Luzes se expandiu rapidamente pela Europa e pelo Novo Mundo, fundamentado na valorização do método científico, e baseou-se em diferentes filósofos racionalistas, como René Descartes, com seu “Discurso do método”, nas teorias políticas de Thomas Hobbes e John Locke, e nas conquistas científicas, representadas por Isaac Newton, por meio da criação das Leis Universais da Física e de novas análises realizadas no campo da matemática. "Tal êxito leva a uma confiança maior na eficácia dos modelos racionais sobre o comportamento das coisas" (CHAUNU, 1985:255). Stephen Gray e Charles François Du Fay apresentam estudos sobre a eletricidade e condutibilidade que proporcionarão futuras descobertas de carga e campos elétricos. Acontecimentos que possibilitaram um embasamento mais amplo e científico nos ideais racionalistas e sistemáticas iluministas, tendo melhor aceitação e difusão.

Essas transformações na forma de ver o mundo também atingiram a dinâmica social, culminando na Revolução Francesa. Questionava-se a ordem criacionista difundida pela Igreja Católica, substituída por uma defesa do poder da razão e do conhecimento. Um documento síntese dos valores iluministas foi a Enciclopédia, uma espécie de dicionário de diferentes áreas, elaborado por letrados, a partir da qual pretende-se “converter segredo em metodologia, experiência em conhecimento." (DRUCKER, 2002:18). Esta revolução na organização do pensar, fruto do conhecimento dedutivo e sensorial, criou novas percepções que abrangem desde geometria óptica, passando pela astrologia às ciências humanas.

Conforme apontado por Drucker (2002), saberes técnicos e novos materiais possibilitaram a fabricação de instrumentos de medidas mais precisos. Por meio de uma liga obtida através da platina (descoberta na América) e latão, a substituição da madeira pelo metal começou a ganhar força, e instrumentos como o microscópio atingiram avançadas

perspectivas em decorrência de melhor organização das lentes ou ainda de novas engrenagens, por exemplo. Melhorando assim a captação de informações fornecidas pelos multiplicadores sensoriais. A dimensão historiográfica, agora não mais subordinada ao tempo religioso, começa a estabelecer vínculos mais precisos. Avanços também foram obtidos na geografia, com a elaboração de mapas de melhor qualidade, e descobertas relevantes no campo do conhecimento geológico. São fatores primordiais e relevantes o aumento da alfabetização, o desenvolvimento de algumas universidades e o prolongamento da vida adulta. Para D´Alembert, um dos editores da Enciclopédia, o progresso estava no esclarecimento universal. Razão e ciência deveriam ser difundidas às massas, para que o mundo se liberte da escuridão da ignorância. Como afirma Chaunu (1985), "o misterioso, que escapava às leis naturais, vê o seu campo reduzido. Haverá algum domínio que escape às leis naturais? É uma interrogação que podemos fazer."

a.2) Arte e Cultura

Um fato importante ligado ao Período das Luzes Clássico, ocorrido concomitante em diferentes países, foi a substituição do latim por línguas específicas de cada região e comunidades. As gramáticas das principais línguas europeias foram organizadas e esboçava-se uma linguística comparativa. A expansão do conhecimento, sua aquisição e transmissão, antes realizada pelo ver-fazer e ouvir-dizer, é direcionada para os livros e manuais. A cultura escrita, capitaneada por uma elite intelectual, passa a ser extremamente valorizada nos círculos burgueses. Segundo Chaunu (1985), também surgem bibliotecas populares e os contos de cordel passam a ser um importante produto cultural e de progresso, pois contribuíam para a popularização da cultura escrita.

Pouco a pouco, por meio das novas ferramentas, formatos e custos, o livro se torna um objeto mais durável e resistente à ação do tempo e seus exemplares se multiplicam. Surgem bibliotecas populares e os contos de cordel passam a ser um importante produto cultural, pois contribuem para a popularização da cultura escrita. Apesar das críticas recebidas por muitos pensadores, a Igreja e o pensamento religioso tem ainda profunda influência na vida cultural. A teologia, responsável por cerca de um terço das publicações, como lembra Chaunu, é acompanhada pelas ciências e artes e se propaga por meio dos diferentes modelos de livro.

a.3) Industrial

Os novos ideais iluministas entravam em embate como Antigo Regime com sua política econômica mercantilista, o liberalismo monárquico e o poder político da Igreja Católica (CHAUNU,1985). O racionalismo era o ponto de partida para realizar as reformas burguesas, movidas por interesses não somente utópicos e humanistas, mas galgando também organização e poder, além de avanços comercias. Adam Smith, considerado o pai da economia moderna, foi o grande defensor do Liberalismo Econômico. John Locke foi um dos principais autores usados para fundamentar os direitos básicos do homem, influenciando na criação do Liberalismo Jurídico. Montesquieu regeu a teoria da separação dos poderes sendo base para o Liberalismo Político.

Um aspecto a ser considerado foi o aumento populacional. Para Chaunu (1985), a população da Europa praticamente duplicou no período das Luzes, entre 1680 e 1800, devido, sobretudo, ao aumento da expectativa de vida decorrente das melhores condições higiênicas, do tratamento de doenças e da alimentação mais acessível. "Mais homens sobre mais espaço, mais permutas, mais comunicações, um pensamento mais virado para as coisas, uma progressiva interpenetração do pensamento teórico e do pensamento prático. Mas, além de tudo isso, mais homens." (Chaunu, 1985:91). Essa expansão do tempo de vida humana tem influências significativas em diversas instâncias das relações humanas e ficou conhecida como *Vital Revolution*. O domínio da linguagem escrita propiciou a melhor difusão de ideias e formas de organizações. A apropriação de antigas terras feudais realizada pelos burgueses possibilitou um aumento na produção de matérias-primas e a aplicação de diferentes sistemáticas na agricultura. Tendo em vista o contexto de transformações e o surgimento de novas possibilidades, a alfabetização em massa, bem como a expansão agrícola e a evolução de ferramentas ocorridas no Século das Luzes, podemos considerar que esses fatos estão entre os aportes para a Revolução Industrial.

Para Bezerra, essas transformações na produção têm um fundamento técnico*:*

> Entendida como saber-fazer, conhecimento, processo produtivo (poiesis), a técnica, que ao longo da História vai se convertendo em tecnologia, evolui pari-passu com a cultura, remonta mesmo a sua origem, e juntamente com a ciência constitui o princípio ideológico e pragmático catalisador das utopias progressistas que deram forma ao movimento iluminista do século XVIII, base narrativa e filosófica, senão mitológica, das revoluções industriais e políticas e por conseguinte do conjunto das transformações socioculturais que dão forma ao período histórico." (BEZERRA, 2007, p.20)

b) Esclarecimento e tecnologia

Vários autores como Lévy, Castells e Benkler discutem as transformações da contemporaneidade à luz das inovações científico-tecnológicas. Cunharemos aqui o conceito de Iluminismo Tecnológico, apontado, mas pouco sistematizado, nas leituras realizadas.

Por Iluminismo Tecnológico, consideramos o fenômeno de repercussão global em que as novas tecnologias facilitam o esclarecimento, isto é, trazem impacto profundo nas formas de ver e compreender o mundo, por facilitarem as etapas de produção, distribuição, recepção e acesso às informações.

Explicaremos agora as dimensões desse novo Iluminismo, cuja característica central é o aporte dado pelas tecnologias de informação e de comunicação. Ele se diferencia do Iluminismo clássico, que também foi impactado por essas tecnologias – sobretudo na produção e distribuição de livros – mas não era determinado por elas.

b.1) Dimensão do conhecimento

Técnicas e conhecimentos que anteriormente eram difundidos somente por meio da escrita ou oralidade, agora são projetados nas telas, aplicados à inovação sistemática. O enorme fluxo de significados e mensagens transpostos para o meio virtual é mais intenso a cada instante. Novas possibilidades e relações são estabelecidas e transformadas pelos usuários da rede, modificando estruturas clássicas, abrindo discussões e encaminhamentos para o futuro. Desse atual contexto provém o termo Iluminismo Tecnológico, cunhado para ilustrar o período globalizado que estamos atravessando e seus possíveis desdobramentos.

Apesar das diversas semelhanças e paralelos, o Iluminismo Tecnológico possui adaptações e evoluções no que toca à compreensão da razão iluminista clássica. Por mais práticas e adaptáveis que tenham sido as ideias de Locke, Rosseau, Voltaire, entre outros, a prática de organizar plenamente o espaço social através do uso da razão pura é tarefa difícil, se não impossível, de ser efetivada em ambientes dinâmicos e orgânicos. No contexto iluminista do século XVIII, Johann Wolfgang von Goethe era um dos que se queixava sobre os limites do racionalismo para administrar a subjetividade individual e a emoção. (CHAUNU, 1985)

Como de fato observam pensadores como Castells, Benkler e Pierre Levy, o campo da comunicação foi revolucionado por novas tecnologias de telecomunicação, possibilitando o início de uma sociedade em rede de espectro global. Segundo a ONU, em 2014, 54% das

pessoas do planeta passaram a viver em cidades. Em seus diferentes fases e tipos de globalização, cidades orientais e ocidentais vivem em um "meio técnico-científico informacional" (SANTOS, 2003).

Fruto do uso da razão da forma mais direta, o Pensamento Analítico foi uma das características da Revolução Industrial e do surgimento do Fordismo como modelo de organização padronizada. Sendo insuficiente tal abordagem para se compreender de maneira satisfatória o contexto geral, surgiu o Pensamento Sistêmico. Uma alternativa para entender as influências e consequências das diferentes partes interagindo entre si, contextualizando-as para entender o seu funcionamento amplo, interações e dinâmicas de convergência.

Estes processos tão complexos quanto contraditórios são bem ilustrado pelas teorias de Douglas Rushkoff, autor que frisa a descontinuidade e o caos como contextos presentes no mundo moderno, no qual a maior parte dos métodos lineares se tornam rasos e pouco abrangentes. Porém esses sistemas dinâmicos também possuem uma ordem oculta, fruto de características inter-relacionadas, interdependentes que são ilustradas não por figuras geométricas tradicionais, mas por meio de representações fractais. Fractais estes que podem ser entendidos como “um conjunto quase impossivelmente complexo de padrões auto espelhados”, ou seja, “a ordem mais profunda dentro de sistemas aparentemente aleatórios e não-lineares” (RUSHKOFF, 1999, p.27).

O Pensamento Sistêmico utilizado para compreender e melhorar práticas organizacionais e informacionais também dá suporte para uma nova teoria de marketing exposta por Jenkins (2006), conhecida como economia afetiva, relacionada com os fatores emocionais e subjetivos que influenciam nossas decisões de compra e consumo.

> Como ensina Lévy, as fronteiras entre sujeito e objeto tornam-se mais fluidas, o que deve ser um bom aprendizado para as diferentes áreas de produção do conhecimento: Quanto ao problema do sujeito e de suas relações com o objeto, ele nos conduz às passagens tumultuadas das heranças de Kant e Heidegger. Veremos que toda ecologia cognitiva, devido a seu interesse pelas misturas e pelos encaixes fractais de subjetividade e objetividade, apresenta-se como uma antítese da abordagem kantiana do conhecimento, que tanto se preocupa em distinguir aquilo que se refere ao sujeito e o que pertence ao objeto. (LÉVY. 1993,p.62)

E como a Arte também é tocada por essas transformações?

b.2) Virtualização e Arte

O meio artístico vem sendo transformado por máquinas e ferramentas, sendo considerada arte o seu produto final, ou seja, o próprio advento da tecnologia como uma foto

ou vídeo, por exemplo. Isso transforma uma arte baseada na percepção e no distanciamento, fundida agora a uma nova forma de interação e apropriação.

Esse tópico fomenta uma reflexão filosófica quanto ao significado de arte e tecnologia na sociedade da informação. Nos livros O que é Virtual (1996) e Cibercultura (1999) Pierre Lévy realiza uma análise do mundo virtual utilizando o conceito de virtualização, ou seja, uma projeção reflexiva ontológica, abrindo a possibilidade de remissão e prospecção a diferentes contextos e tempos passados, atuais e/ou futuros. Através desta virtualização, a arte estimula, bem como o pensamento das luzes, o questionamento, a investigação e a experiência como formas de conhecimento da natureza, sociedade, política, economia e do próprio ser humano.

Lévy (1996) ainda explica que a arte pode virtualizar a virtualização, pois busca uma saída do aqui e do agora. Se o virtual é uma busca por segurança e organização num mundo caótico, pois traz a promessa de acesso constante a informações e possibilidade de planejamento, a arte nega o controle e nos remete ao desamparo. Porém ela também nos redime, liberando a energia afetiva que nos permite continuar.

b.3) Contexto industrial

> "O fracasso em estabelecer a igualdade por meio da liberdade econômica, apesar das recompensas materiais, minou a fé no capitalismo como sistema social não apenas entre o proletariado, mas entre as classes médias que mais se beneficiariam econômica e socialmente." (Drucker, 2002:410)

A revolução tecnológica gerou diversas modificações nas empresas, organizações e na economia, como a descentralização e flexibilidade no gerenciamento, concorrência e integração global dos mercados de capital. Fruto de novas ideias de sustentabilidade e consumo consciente, a sociedade começa a se reorganizar em busca de um equilíbrio e uma relação mais harmoniosa com o meio em que vivemos. Com as redes possibilitando maior organização e novos esquemas de produção e bens de consumo, podemos crer de maneira otimista que direitos básicos inerentes ao homem podem ser difundidos para a população de modo mais abrangente. Essa ressignificação nos valores do conhecimento, informações e produtos poderá transformar a importância e o simbolismo do dinheiro. Como explica Lévy:

> A mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva. A escrita, a leitura, a escuta, o jogo e a composição musical, a visão e a elaboração das imagens, a concepção, a perícia, o ensino e o aprendizado, reestruturados por

> dispositivos técnicos inéditos, estão ingressando em novas configurações sociais." (LÉVY, 1998,p..17).

Um possível cenário deveras interessante pode advir de uma inovação tecnológica, antes restrita a grandes empresas ou fábricas e a pouco construída de forma independente, conhecida popularmente como Impressora 3D. Uma máquina que utiliza o método de fabricação aditiva para criar um modelo com diversas camadas de determinado material. Elas permitem criar assim objetos e até mesmos órgãos humanos, e com seus devidos avanços e desdobramentos, poderão mudar a forma como consumimos e obtemos diferentes tipos de produtos. Um termo criado por Lessing e utilizado por Benkler (2006), conhecido por *commons*, ilustra esse possível cenário futuro, eles surgem da auto-organização. Segundo Benkler, a liberdade dos consumidores está ampliando o não-proprietário em vez do privado, consolidando assim a prática colaborativa e a solidariedade.

c) Iluminismo Tecnológico e práticas comunicacionais

A mudança no significado do conhecimento parece ser um dos fatores mais singulares da atual sociedade globalizada, que vive imersa em uma enorme quantidade de produtos, dados, informações e inovações.

Para Chaunu (1985), ideais ecológicos e sociais começam a se firmar no início do Século XXI, provenientes de questionamentos realizados no contexto pós-guerra mundial, além de diversos adventos tecnológicos. Esses pensamentos e utopias serão utilizados como alicerces da sociedade informacional, como sua inspiração e seus valores. Apesar dos contextos entusiásticos nunca podemos esquecer que as novas possibilidades abrangem apenas uma parcela da população mundial, enquanto outra, numericamente expressiva, ainda se mantém do lado de fora. Como explica Peruzzo:

> Ao mesmo tempo em que afloram direitos de quarta geração, em muitos lugares ainda se luta pelos direitos civis, políticos ou sociais, tanto no sentido individual como coletivo. *(*PERUZZO, 2005, p.14*)*

Muitos aspectos e formas de organizações da legislação e política moderna foram fundamentados no período iluminista do século XVIII. Refletir sobre tais temas na Era da Informação (CASTELLS, 1999), implica uma discussão sobre as possibilidades que os meios de informação e comunicação oferecem às comunidades para sua participação política. Podemos utilizar o conceito de Comunicação Pública, visto aqui como:

> O processo de comunicação que se instaura em uma esfera pública entre o Estado, governo e a sociedade e que se propõe a ser um espaço privilegiado de negociação entre os interesses das diversas instâncias

> de poder constitutivas da vida pública do país. (BRANDÃO, 1998, p.12)

Muitas comunidades e/ou grupos com vínculos à espaços sociais periféricos ganham um poder de voz e comunicação com seus membros e agentes através de um "marco virtual" (site, fórum, chats, blogs, redes sociais, etc) dentro do universo em rede. Esse poder de voz acaba por gerar novas conversas e temas debatidos no âmbito local daquela comunidade, agora fazendo parte também de uma ampla comunidade virtual mundial. Essa chance de representatividade possibilitou o surgimento de demandas até então ignoradas ou desconhecidas, realidades e contextos ainda não transcritos para o meio tecnológico. Consequentemente o próprio Estado passa a ter seus órgãos e ministérios representados por páginas na internet, criando uma nova interação com usuários e cidadãos, os portais de transparência dos recursos federais ilustra bem a situação.

Segundo Benkler e Lévy (1999), a interatividade e possível participação na criação e compartilhamento de informações tornam o universo da internet um meio mais participativo do que o contexto atual da *Mass Media*. A filtragem por relevância e credibilidade, por exemplo, é realizada entre pares e apontamento mútuo. Porém mesmo com a distribuição de *links* na internet, poucos sites ainda concentram e recebem maior parte dos acessos.

Os usuários podem cumprir o papel de vigia da informação, em um cenário em que a mídia está, como no caso brasileiro, altamente concentrada e a serviço de alguns grupos. Porém é utópica a percepção de que esse controle realizado pela comunidade virtual consiga impedir a realização e difusão de conteúdos pelas forças dominantes com o intuito de manipulação da população. A própria filtragem por pares está sujeita a dados e notícias forjados que podem ser inseridos na rede de forma maliciosa. O fato é que estamos caminhando para uma maior compreensão e domínio das lógicas de convergência, comunicação integrada e linguagens tecnológicas de programação, mas essas tecnologias não são neutras, e são usadas por diferentes grupos e indivíduos, com diferentes ideologias e visões de mundo.

As contribuições das tecnologias para a democracia abrem as portas para pensarmos muitas utopias. Reforçando a comunicação popular e comunitária, por exemplo, pode-se dar voz a múltiplas esferas sociais existentes e se realizar uma Comunicação Pública que de fato virtualize as diferentes perspectivas da sociedade. Contudo, não se pode ignorar que o acesso à rede ainda é um desafio na sociedade brasileira, por exemplo. O Iluminismo Clássico ampliou a alfabetização, mas o protagonismo foi de uma pequena parcela da população, uma elite intelectual. E no Iluminismo Tecnológico? Como fazer da convergência das práticas

comunicativas um efetivo espaço para a ação de diversos grupos sociais? Como criar, no Iluminismo Tecnológico, canais de diálogo entre a Sociedade e o Estado? Quais as condições sociais, culturais, econômicas e políticas para que esse fenômeno seja protagonizado inclusive pelas parcelas mais vulneráveis da sociedade?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que comprovar a existência ou não do Iluminismo Tecnológico, este artigo aspirou a descreve-lo e a apontar seus limites e possibilidades. Como vimos, a valoração monetária dos dados gerados por usuários na internet transforma a informação em patrimônio. A utilização do chamado Big Data, por meio de gigantescas bases de dados em formatos gráficos, mensuráveis e acessíveis, levanta questionamentos sobre o conceito de público/privado dos dados produzidos. As concentrações dessas informações como propriedade de empresas privadas trazem à tona a dúvida: estamos nutrindo uma rede aberta e democrática ou mais um ambiente dominado pelos mesmos monopolizadores de capital e conhecimento? Quão democrático é um ambiente no qual eles decidem quais e quando teremos acesso a diferentes informações? O limite da concentração da informação parece marcar o Iluminismo Tecnológico.

Todavia, a nova relação entre sujeito/comunicação/organização questiona a gestão organizacional e propõe novas visões a respeito dos seus públicos. É necessário ultrapassar a ideia de uma comunicação linear, prescritiva e manipuladora. Nesse sentido, é possível vislumbrar novas abordagens considerando o sujeito como parte integrante da organização e da sociedade e não como uma ferramenta utilizada para o alcance dos objetivos e interesses organizacionais. Uma abordagem comunicacional mais sistêmica, que substitui a perspectiva da manipulação pela da integração, transforma práticas profissionais e deve alterar o papel do comunicador nas organizações. Uma possibilidade do Iluminismo Tecnológico é a reinvenção das organizações no diálogo com o público, com a sociedade.

A convergência tecnológica parece ser, simultaneamente, um limite e uma possibilidade deste novo Iluminismo. Um limite, pois ela não está isenta da concentração. São necessários recursos para adquirir equipamentos, para conecta-los a uma rede e para compreender seu funcionamento. As regiões e os grupos sociais ricos têm mais acesso. Por outro lado, há a possibilidade de que a tecnologia permita que outros grupos, de posse momentaneamente daqueles meios, falem onde antes calavam, ouçam onde antes apenas obedeciam. O Iluminismo Tecnológico, como seu antecessor, nos leva a um cenário que não está completamente dado, ou escrito, e necessita dos pactos e das negociações, da perspectiva comunicacional em sua vertente mais pública e integrada, para “acontecer”. Segundo Benkler (2006), com essa perspectiva mais dialógica se difundindo, seria possível acreditar "que a mão invisível do mercado passaria a ser guiada pela inteligência coletiva advinda das redes democráticas e colaborativas".

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aurélio. **Pensamento Sistêmico** – Caderno de Campo. Porto Alegre: Bookman, 2006

BEZERRA, Jorge Luiz borges. **Cibercultura e Arte "in vitro"**. Brasília: Ed. do autor:,2007.

BENKLER, Yochai. **The wealth of networks**: how social production transforms markets and freedom. Londres: Yale University Pres:, 2006.

BRANDÃO, Elizabeth. **Usos e Significados do Conceito Comunicação Pública**. Brasília: Ed. do autor, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHANU, Pierre. **A civilização da Europa das Luzes**. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.

DRUCKER, Peter. **O melhor de Peter Drucker: obra completa**. São Paulo: Nobel, 2002.

JENKINS, Henry. **Where old and new media collide**. New York: NYU Press, 2006.

KUNSCH, Margarida. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada.** São Paulo: Summus, 4ª edição, 2003.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1995.

RUSHKOFF, Douglas. **Um jogo chamado futuro**. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: **do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. São Paulo: Hemus, 2007.